

PASTORAL DE JUVENTUDE

NO BRASIL

O assessor nacional do Setor Juventude, da CNBB, convidou um grupo de 20 agentes de Pastoral de Juventude para realizar um estudo sobre esta Pastoral no Brasil. Eram pessoas comprometidas com o trabalho, principalmente com o jovem pobre. Diversas experiências estavam reunidas, ressaltando-se o trabalho com a juventude do meio popular, o trabalho com a juventude segundo os meios específicos, o trabalho com a pastoral de juventude genérica, o trabalho da Juventude Operária Católica, o Instituto de Pastoral de Juventude (Porto Alegre) e a Pastoral Universitária. Tratou-se de um grupo que quis pensar a PJ num contexto amplo, a partir das práticas que as pessoas desenvolvem nos mais diversos níveis, em termos de juventude. Este Grupo de Trabalho se reuniu nos dias 6 a 10 de setembro, no Rio de Janeiro.

1 - OBJETIVOS E MODO DE ENCAMINHAR OS TRABALHOS

Após uma rápida apresentação o grupo decidiu que seriam seus objetivos de trabalho:

- a) pensar a Pastoral de Juventude em termos nacionais;
- b) discutir e amadurecer estratégias de organização bem como linhas de formação da Pastoral de Juventude.

● Para o modo de encaminhar os trabalhos aprovaram-se três momentos:

1º momento: DESCRIÇÃO DA JUVENTUDE BRASILEIRA

- situação e anseios da juventude brasileira;
- situação da Pastoral de Juventude no Brasil: realidades do passado que precisam ser lembradas com sua história, resultados positivos e falhas; as realidades significativas do presente nos diferentes níveis e setores com seus frutos e defeitos.

2º momento: ANÁLISE DOS PRINCIPAIS PONTOS DE ESTRANGULAMENTO E DECISÃO

- levantamento destes pontos;
- análise: descrição do fato, causas desta situação, consequências, tomada de posição cristã e pedagógica, saídas que se apresentam.

3º momento: PERSPECTIVAS PARA A AÇÃO

- sugestões para a caminhada nos próximos anos, a nível nacional;
- pistas concretas para um processo global e os diferentes setores.

● Nos 5 dias de trabalho o grupo seguiu uma dinâmica que se foi construindo com o decorrer das discussões como tais. Percorreram-se, assim, 10 momentos que podem ser resumidos da seguinte forma:

- 1 - Discussão dos objetivos e da identidade do grupo, bem como da forma de trabalho.
- 2 - Sentimos a necessidade de termos um pano de fundo da realidade da juventude em termos nacionais. Procuramos detectar os sinais de vida e os sinais de morte da juventude no Brasil.
- 3 - Na mesma perspectiva anterior quisemos refletir a realidade em termos de Pastoral de Juventude. Debatemos os ganhos e os vazios da PJ.
- 4 - Uma questão importante que o grupo quis ter claro, naquele momento, para prosseguir no trabalho, era que cada um expressasse qual é, para ele, o específico da PJ.
- 5 - Fizemos uma avaliação dos nossos trabalhos.
- 6 - Queríamos perceber melhor o processo de transição da PJ no momento atual. Passamos ao relato de uma experiência de PJ genérica transformando-se e assumindo uma proposta considerada mais consequente: a articulação da PJ por meio específico.
- 7 - Vimos a importância em termos mais claros como o nascimento desta nova Pastoral de Juventude está acontecendo no concreto. Buscamos, para tanto, o relato de quatro experiências: da Pastoral de Juventude do Meio Popular, da Pas-

toral de Juventude do Meio Específico, da Juventude Operária Católica (JOC), e da Pastoral Universitária. Pessoas que vivem essas experiências fizeram uma exposição procurando levantar os questionamentos que percebiam e colocá-los para o debate.

- 8 - Houve a sistematização de toda a reflexão em termos de: a) pontos em comum; b) questões importantes. Achou-se urgente aprofundar a questão da metodologia, da formação integral e da estrutura organizativa.
- 9 - Passamos ao estudo e aprofundamento dessas questões, feito por escrito, em grupos, sistematizado e debatido em plenário. Este texto é a última parte deste relatório.
- 10 - Como ponto final fizemos uma avaliação.

2 - VIDA E MORTE DA JUVENTUDE BRASILEIRA

Como primeiro momento procuramos levantar os sinais de vida e de morte da juventude. Buscamos estes sinais junto aos jovens das classes populares. O Trabalho foi realizado em grupos, por regiões, colocando-se os relatos em plenário, com um rápido debate.

2.1 - Sinais de Vida

O levantamento dos aspectos que denotam a vitalidade da juventude não pretendeu ser exaustivo mas ressaltaram-se os seguintes pontos:

- a) Grande desejo dos jovens em participar da vida da sociedade em todos os níveis e nos mais variados campos. Percebe-se que cresce a participação nas comunidades, no movimento popular, no movimento operário e no partido político. O jovem participa mais quando sente que é seu o canal de participação e quando sabe que não é manipulado. O objetivo de realizar articulações de trabalhos e experiências em todos os níveis, ao mesmo tempo que se dá o fortalecimento das articulações, está cada vez mais presente. É sinal de vida p.ex. que jovens bóias-frias estejam se organizando.
- b) O jovem, principalmente o das classes populares, é uma potencialidade de transformação. Está aberto para o novo. Não é, por isso difícil de conscientizá-lo. Tem muita coragem para o enfrentamento. Possui uma grande sensibilidade para a justiça e a solidariedade. Desenvolve, progressivamente, formas de resistência para sobreviver. A consciência de classe está sendo, também, mais assumida.
- c) Existe, na juventude, um conhecimento da realidade, mesmo que seja ingênuo.
- d) Há, no jovem, o desejo de recuperação da cultura popular, especialmente através de uma grande revalorização das festas populares.
- e) O jovem, em geral, tem postura crítica diante da Igreja-Instituição, buscando redescobrir a relação fé-vida. O mesmo sucede com as instituições em geral, enfrentando tipos de organização que, para ele, não servem mais.
- f) Está em busca de uma nova maneira de viver, individual e coletivamente, havendo práticas neste sentido. Procura, a todo custo, formas válidas de identificação e de vida comunitária.
- g) Há, nas Igrejas, um número maior de adultos que sabem e gostam de trabalhar com jovens, respeitando-lhes a caminhada.
- h) É sinal de vida, a busca, na juventude, de uma pedagogia libertadora para a sua ação.

2.2 - Sinais de Morte

Pretendendo, não ser exaustivos, procuramos detectar os fatores que destroem e oprimem o jovem brasileiro. Estes fatores apontados são:

- a) O jovem é mão-de-obra barata. Sua criatividade é reprimida. Não pode definir o seu horário de trabalho. Não tem acesso aos bens materiais e culturais. Como vítima do sistema capitalista, é explorado através da produção industrial, do salário, do desemprego e do sub-emprego, trabalhando muitas vezes sem sequer ser registrado.
- b) Em todos os níveis é fechada, ao jovem, a participação no processo de decisão

Vê-se eliminada, nele, a participação nos sindicatos, nos movimentos popular e operário, bem como na escola e na política.

- c) Faltam canais especializados de participação, sendo vítima de variados autoritarismo.
- d) A grande maioria da juventude começa a trabalhar cedo, não podendo escolher seu trabalho e sendo impossibilitado, até, de viver a própria juventude.
- e) Outro sinal de morte do jovem brasileiro é a migração do campo para a cidade e a migração dentro da própria cidade.
- f) São poucas as perspectivas de vida, não se tendo pistas para a mudança. Verifica-se, por isso, a desesperança.
- g) Falta-lhe a consciência de classe social, assumindo facilmente a ideologia da burguesia dominante. O jovem, mais do que outros, é agredido para contentar-se com o consumismo através de alienações calculadas e manipulações políticas.
- h) A formação que se lhe dá é massificadora e a educação repressora, incutindo-lhe o que não deve fazer. Além disso, a educação favorece a competição, cultivando falsas idéias de liberdade e incentivando a falta de consciência histórica, nacional e pessoal.
- i) A juventude universitária, no geral, é desprovida de ideal, verificando-se nela, especialmente, o individualismo juvenil.
- j) Os ambientes de formação não correspondem à libertação que se deseja, tornando-se isso mais grave ainda com a dificuldade de compreensão de boa parte do clero e da hierarquia.
- l) É reduzido o número de jovens ou engajados na vida comunitária ou presentes na vida eclesial. Vive-se uma fé desligada da vida, assumindo uns uma linha espiritualista e outros se afastando, simplesmente.
- m) O lazer que o jovem tem é, muitas vezes, meio de fuga oferecido pelo sistema.
- n) O modelo de família não deixa de ser, igualmente, um sério sinal de morte. Questiona-se o machismo opressor existente e o moralismo que faz p.ex. a discriminação da mulher na questão sexual.
- o) Sinais de morte são o desemprego e a prostituição.
- p) Os jovens do meio rural, além do grave problema do êxodo, revivem, desde cedo, os problemas dos pais, começando a ser adultos desde criança.
- q) É na juventude, também, que fica patente a perda das raízes culturais do povo, não se fomentando de modo nenhum a valorização da cultura autóctone herdada.

3 - GANHOS E VAZIOS DA PASTORAL DE JUVENTUDE

Neste segundo momento passamos à análise da PJ em sua situação atual. Tinha mos como pressuposto, a história da PJ principalmente no que se refere à Ação Católica, Movimentos e à Pastoral de Juventude Genérica (1).

Para esta análise buscamos os ganhos e os vazios da PJ a partir das experiências presentes.

3.1 - Ganhos

Olhando os avanços que se verificam na PJ podem ser destacados, como conquistas, os seguintes pontos:

- a) O surgimento, na PJ, da consciência de classe social com a consequente distinção dos meios. Embora devagar, esta consciência vai avançando. A contradição pobre x rica penetra, sempre mais, com todas as suas repercussões no plano da fé. A militância dos grupos do meio social se torna sempre mais real, junto com uma avaliação contínua. Pode-se dizer que, a partir dos pobres, a PJ mudou de lugar social.

(1) Pastoral de Juventude Genérica é formada por grupos que não tomam em conta, na sua prática e na sua constituição, o meio social; não têm, por isso, uma prática voltada para o meio específico, não podendo, portanto, dar uma contribuição mais significativa nos organismos que levam à transformação da sociedade. Sua prática é, na sua generalidade, puramente intra-eclesial, não superando a dicotomia fé - vida, e cultivando uma espiritualidade desencarnada.

- b) Um outro avanço é o maior engajamento dos jovens. Há, realmente, uma geração de novos militantes assumindo a PJ. Houve um aumento da consciência crítica; as coordenações começam a ser assumidas, cada vez mais, pelos jovens. O engajamento na comunidade é crescente, resultando uma militância conjunta de vários setores da sociedade. Percebe-se um trabalho mais consequente, resultando na fixação do jovem na PJ.
- c) O começo da discussão do projeto histórico da libertação é outro avanço. Logo a ela vai a descoberta e a vivência de uma pedagogia mais libertadora bem como a utilização de novos canais de participação são, de fato, conquistas que fazem crescer a esperança.
- d) A continuidade histórica de militantes na PJ está dando uma segurança maior, caracterizada pela perseverança do próprio jovem.
- e) O uso e a vivência do método Ver-Julgar-Agir como a busca ampla de uma pedagogia libertadora é outro ganho significativo, tendo levado a um amadurecimento da PJ ao nível da prática, da organização e da formação.
- f) Outro avanço é a leitura bíblica-teológica mais intensa. Dá-se isso, muitas vezes, por celebrações bem encarnadas na fé e na vida da comunidade. Há, inclusive, o nascer de uma nova linguagem. A realidade social tomada em conta com seriedade influi nas discussões e na produção de subsídios mais adequados.
- g) É um avanço a ampliação das articulações em diferentes níveis. Podem ser citados os casos da PJ do Meio Popular, o crescimento da organização da PJ propondo a transformação, o gosto de netrar em contato com aquilo que já foi descoberto, através da troca de experiências, a maior articulação dos universitários e a caminhada da PJ até chegar às organizações territoriais que hoje são reais.
- h) Embora o meio rural não esteja muito atendido na PJ a preocupação concreta com este setor e o nascimento de algumas experiências com a juventude camponesa já significa um ganho.
- i) Enfim, um avanço considerável não deixa de ser, igualmente, a discussão aprofundada, séria e ampla, com o animador adulto.

3.2 - Vazios

Não são poucos, porém, os vazios que também se apresentam. O grupo destacou os seguintes:

- a) A falta de compreensão do específico da PJ dificultando, com isso, o amadurecimento de um projeto global.
- b) A formação teórica dos militantes da PJ. Acontece que estes militantes enfrentam novas realidades sem encontrar espaços onde possam avaliar e celebrar sua militância, na dimensão da fé. A pastoral não consegue acompanhar a militância p.ex. nos partidos.
- c) Quanto à espiritualidade verifica-se, por um lado, o avanço e o apoio de movimentos espiritualistas e, por outro, a dificuldade generalizada em ser criativo na explicitação de uma fé mais comprometida com a realidade social.
- d) A pouca compreensão do método Ver-Julgar-Agir, implica em falhas na formação e formação e na transmissão de conteúdos não libertadores. Não se consegue que a formação se dê na ação. Os grupos paroquiais, em geral, não têm metodologia ou ela é fraca e sem repercussão na vida do jovem.
- e) Outro vazio é a distância verificada entre as lideranças e as bases. Por um lado as articulações são muito amplas, em termos de Brasil, exigindo sacrifícios e discussões que as bases não conseguem acompanhar. Este distanciamento faz com que surja um tipo de vanguardismo que assusta as bases. Relacionada com isso coloca-se a questão e a necessidade de não deixar de cultivar, nos líderes, a pedagogia de massa.
- f) A relação com os animadores adultos não engajados em meios específicos, ou não comprometidos na sua categoria, bem como a presença da classe média nas coordenações, é outro vazio. Há agentes pastorais que resistem em discutir e clarear a sua função.
- g) O vazio mais citado talvez seja a relação com o clero e a hierarquia. Uma pastoral como a PJ do Meio Popular tem dificuldades em se articular e solidificar em muitos lugares por causa deste problema. Talvez se situe aqui uma outra falha que se relaciona com a incapacidade que existe em sabermos realizar uma

leitura correta de uma situação de Igreja-tradicional. Não refletimos o suficiente sobre o fato de que uma opção pastoral pode sofrer resistência por opção ideológica, por desconhecimento e por medo ao novo.

- h) Há dificuldade de nucleação, tanto da parte da PJ Genérica indo ao encontro do meio específico, como da Pastoral de Juventude do Meio Popular experimentando as dificuldades na criação de novos quadros. A questão que se coloca está em garantir o aprofundamento das experiências e, com isso, levar os grupos ao crescimento. Muitas vezes as experiências terminam em si mesmas sem ter a energia suficiente para se articular com outras. Está em jogo, pois, a formação, a continuidade e a força organizativa dos grupos específicos. Como garantir uma organização sem cair nem na falta de comunicação nem no burocratismo?
- i) Um vazio que se experimenta relaciona-se, também, com a relação que deve haver entre o jovem operário e o jovem camponês. Como se coloca, enfim, a questão do jovem do meio rural com a Pastoral de Juventude do Meio Popular?
- j) No capítulo relacionado com a formação vê-se que o jovem não é visto como um todo. Ele é dividido em compartimentos onde a questão da sexualidade e da afetividade ou é esquecida ou é revestida de um moralismo que não liberta.

4 - ESPECÍFICO DA PASTORAL DE JUVENTUDE

Percebemos, então, que faltava para o grupo uma maior explicitação do que significava, para cada um, o específico da Pastoral de Juventude. Cada um do grupo de trabalho procurou responder a esta pergunta e a expôs ao grupo. Relatamos aqui, as posições expressas. Elas não devem ser assumidas como categorias de definição, mas como busca de elementos que caracterizam as diferentes formas de posicionamento ante a Pastoral de Juventude. Naquele momento isto foi muito importante para o grupo. Apresentamos, a seguir, sinteticamente, as diferentes posições expressas. Há idéias repetidas, convergentes, divergentes e, como um todo, complementares.

- a) Ação organizada dos jovens cristãos visando a transformação da sociedade, levando simultaneamente e permanentemente a experimentação do Reino de Deus. É uma estrutura a serviço dos jovens e um espaço eclesial de realização.
- b) Ação que a comunidade cristã realiza com os jovens, buscando conhecê-los e a realidade pessoal e social. É uma forma de conhecer e seguir Jesus Cristo, tendo presente a opção vocacional. Serve para criar canais eficazes de participação (bairro, sociedade, Igreja). Visa a transformação.
- c) É um espaço, um serviço e uma ação organizada de jovens situados socialmente. Ajuda a assumir e orientar o papel do jovem na sociedade. Não é um movimento nem da Igreja nem da sociedade civil. Está ligada à pastoral orgânica, local e nacional.
- d) É uma ação organizada da Igreja junto à juventude. Enquanto jovens do meio popular, é a ação organizada da Igreja junto aos jovens do meio popular específico. Ajuda a viver, fundamentar e celebrar a fé em Jesus Cristo.
- e) É a ação e a articulação dos jovens ligados à Igreja, possuindo uma identidade de fé e favorecendo espaços de reflexão e organização da juventude segundo sua classe social. Visa o engajamento e a transformação.
- f) É um espaço de ação, discussão e reflexão de jovens, enquanto Igreja, visando o engajamento crítico.
- g) Como "pastoral" é um convite à realização do projeto de Jesus Cristo, a partir dos pobres. Deve permitir aos jovens descobrir um projeto de vida que seja uma concretização do Reino de Deus a partir da opção pelo jovem pobre.
- h) É um espaço de descoberta e opção para enfrentar a opressão de forma organizada e celebrar as experiências de luta.
- i) É a ação do jovem enquanto Igreja, lutando, na dimensão da fé, pela transformação a partir da classe a que pertence. Sua finalidade é levar o jovem à experiência de Deus com práticas transformadoras através da intervenção no meio e a partir da ótica das classes populares. Através dela celebra sua fé e realiza sua espiritualidade, buscando ter consciência crítica e histórica.
- j) É um espaço para conhecer, refletir e analisar a situação de classe e participar, como homem de fé, na construção do Reino. É uma ação organizada e celebrada do jovem situado, na ótica do pobre, visando um mundo de fraternidade.

A esta altura dos trabalhos o grupo sentiu a necessidade de fazer uma avaliação. Estava-se no início do terceiro dia de trabalho. Alguns pontos levantados foram:

- O método empregado para o estudo não está objetivando a discussão. Estamos discutindo idéias, sem discutirmos práticas. Não definimos o método de trabalho.
- Está faltando o referencial da prática (experiências). Estamos pairando sobre as questões, sem enfrentá-las e defini-las melhor.
- Não nos estamos colocando de acordo com o objetivo do grupo de trabalho. Parece haver preocupações divergentes. Os objetivos iniciais propostos, que foram questionados, não ficaram esclarecidos.

5 - PROCESSO DE TRANSIÇÃO DA PASTORAL DE JUVENTUDE

Tentamos, a partir da avaliação, descer mais para o concreto. Buscamos experiências que revelassem o processo de transição da pastoral de juventude genérica para uma pastoral de juventude comprometida com a juventude popular e com a juventude do meio específico e escolheu-se, concretamente, como experiência ser vista e analisada, o que está ocorrendo na diocese de Volta Redonda.

Em Volta Redonda não tem grande afluência de movimentos espiritualistas. Não há assistência do clero à juventude. Em 1978, porém, surgem algumas experiências do meio específico. Elas vieram da luta realizada nos bairros e da luta operária, bem como da experiência dos grupos paroquiais. Uma assembleia de jovens opta, por isso, pelo meio específico, havendo algumas resistências.

Estão realizando a unificação das lutas do meio popular e sindical através de grupos de jovens trabalhadores unidos ainda não por categoria (isso não deu certo, por ora) mas que militam na sua categoria. Tem grupos que optam por esta metodologia sem ter notícia ou consciência da assembleia que optou por este caminho.

Há, como já se disse, grupos paroquiais que resistem. A formação de grupos de trabalhadores a nível de cidade, porém, à medida que se caminha, fomentou a volta à comunidade. Está-se procurando, agora, atingir três tipos de jovens havendo o grupo de jovens trabalhadores (engajados na luta operária e ligados à comunidade), o grupo de jovens estudantes (geralmente do centro) e os grupos de jovens de periferia (enfrentando o drama da periferia e a realidade dos movimentos de bairro).

Os grupos genéricos ainda existem e se caracterizam por ter uma ação assistencialista, por serem formados por jovens das classes populares, mas misturados, por não terem uma prática transformadora, por não terem uma prática voltada para o meio a que pertencem, por serem voltados exclusivamente para dentro da Igreja e por serem uma mistura de classes.

Há, no momento, uma coordenação geral eleita o mais democraticamente possível. Começa a surgir, inclusive, a necessidade de coordenações específicas.

Existe uma caminhada da comunidade. Os grupos são chamados a se transformarem e o que determina esta formação de novo grupo é a luta na sua classe social. O questionamento que a juventude da classe média se faz é: é pecado ser de classe média? Aos poucos, porém, estão se assumindo e descobrindo o papel que lhes cabe.

É importante ressaltar que esta nova Pastoral de Juventude está surgindo de dentro da dinâmica do movimento sindical e popular. A metodologia para se chegar lá é através da PJ que se vai incorporando na dinâmica do movimento operário e popular. Surgem, assim, os grupos específicos que começam a colocar questionamentos ao grupo genérico. Chega-se a tal ponto que o indivíduo ou sai do grupo ou busca novas formas alternativas de organização. Mas sempre a partir da prática. Querem refletir, com isso, a prática, buscam mais consequência na ação-reflexão e desejam um espaço de reflexão da fé. Quando a divisão do meio específico não nasce da prática o grupo geralmente morre.

6 - JUVENTUDE E IGREJA: QUATRO EXPERIÊNCIAS

O relato da experiência de Volta Redonda levou o grupo a querer discutir e

ver de mais perto como a "nova Pastoral de Juventude" - que está nascendo -acontece no concreto na dimensão da fé, da afetividade, dos grupos específicos, da classe popular e média e na prática. Em forma de painel viu-se, então, como está a Pastoral Universitária, a Juventude do Meio Popular, os grupos específicos e a Juventude Operária Católica.

6.1 - Pastoral Universitária

Articulação: realização de três encontros e dois seminários nacionais de PU.

Conteúdo: ótica do oprimido, Cristo libertador, Igreja comprometida com o povo, Universidade orgânica a serviço das classes populares.

Método: revisão de vida.

Ação: no meio eclesial (com outras pastorais), no meio popular (CEBs, movimento popular) e no meio universitário e no movimento estudantil.

Grupos: organizados a partir da universidade (geral ou por curso). Alguns são organizados no meio popular (atuando no Bairro em que vivem). Há militância individual e grupal.

Estrangulamentos: a nucleação e a ampliação da militância, a formação teórica dos militantes, a pouca assessoria, a espiritualidade (n-ao está inserida na comunidade) e a questão da profissão.

A Pastoral Universitária não se identifica com uma tendência. Grande parte dos militantes está engajada no meio popular ou está só no meio estudantil. Perguntas que surgem: a sua atuação não deveria ser maior no seu meio? O meio popular pode ser uma opção vida do universitário?

6.2 - Pastoral de Juventude do Meio Popular

É formada por jovens do meio popular, uma classe social. A grande maioria dos grupos reúne-se por paróquia. Alguns se organizam por categoria.

Organização: tem coordenações diocesanas assumidas pelos próprios jovens. Há, contudo, dioceses onde quem coordena é o padre ou o adulto. Há algumas coordenações regionais e uma comissão (ou secretaria) inter-regional. Houve três encontros nacionais.

Método: é o Ver-Julgar-Agir, mas está sendo questionado. O trabalho tem vários pontos de partida. Verificam-se incentivos à promoção de valores culturais. Procura-se realizar avaliação periódica. Avançam ao descobrir o jovem como um todo. O trabalho avança à medida em que vem sendo assumido pelo próprio jovem. Há certa unidade na caminhada, descobrindo-se nova perspectiva de fé. Sente-se a necessidade de celebrar a vida muito concretamente.

Desafios: O jovem que não tem clareza da proposta sente dificuldade de engajamento. Não faltam conflitos com a hierarquia. Há, também, dificuldades de relação e compreensão da comissão (cúpula) e da base. Um desafio sério é a relação do jovem rural e do jovem urbano. Um abafa o outro. Nos encontros sai muito o urbano, quando a realidade do meio específico é o rural. Experimenta-se outra dificuldade na formulação teórica. O método Ver-Julgar-Agir parece muito vago e ele não é um referencial no trabalho dos grupos.

6.3 - Grupos por meio específico

Esteve presente, nesta exposição, a realidade do que sucede em Campinas (SP). A origem dos grupos por meio específico passa, muitas vezes, por uma nova experiência de militância não tem espaço para refletir isso no seu grupo.

Grupos de base específicos são aqueles que tem, entre si, a militância específica. A preocupação destes grupos é a atuação nos seus órgãos de classe e desenvolver sua militância no lugar de trabalho, a partir do bairro.

Ficam no impasse de : como se reunir? As reuniões começam, em geral, no bate-papo ou no debate de algumas questões. Contam-se casos e isso, com o tempo, vai cansando. Surge, então, a necessidade de estudo. Em geral fica-se na questão das leis trabalhistas ou no estudo do sindicato. Começam com isso, porém, a se desvencilhar da prática, esquecendo os fatos. Começam a sentir a falta, da dimensão pessoal. Percebe-se a fragilidade enquanto pessoa.

Os principais conflitos são quatro: 1) não se tem claro um método de revisão da prática e de vida; 2) o estudo não se descincular da prática (metodologia, portanto, de estudo); 3) a dependência dos meios de informação e formação; 4) a vinculação com a comunidade eclesial.

6.4 - Juventude Operária Católica (JOC)

A discussão da classe social não ocorre porque já se organiza como movimento específico de classe. O objetivo é a transformação da sociedade, acentuando a formação e a ação do militante.

Tem organizações de base, por setor (fábrica, construção civil, comércio, domésticas etc). É a melhor forma de avançar a consciência de classe. Há o trabalho de bairro. Busca-se as causas e, com isso, retornar-se ao mundo do trabalho. Este trabalho dá consciência de oprimido.

Durante um bom período o movimento tinha a discussão, somente, da formação. À medida que o movimento tem mais claro para que serve a formação, a articulação e o movimento avança. Importante é o acompanhamento pessoal que se procura dar. Uma pequena ação que se desenvolve tem maior facilidade de assimilar a metodologia.

7 - REFLEXÃO SISTEMÁTICA

A partir da releitura sobre as experiências presentes e a partir da análise sobre a situação da juventude brasileira, bem como da Pastoral de Juventude do Brasil percebemos dois pontos muito presentes que nos parecem indicar os rumos da PJ no futuro: a opção pelo jovem empobrecido e a atuação nos meios específicos que leva à participação nos organismos intermediários da vida da sociedade (Sindicatos, Movimentos Populares, Associações de Bairros, Partidos Políticos etc.). Reconhecemos que não são práticas disseminadas por todo canto, mas surgem como as experiências mais significativas, contendo uma resposta à realidade da juventude do Brasil. Vimos, também, que mereceriam uma reflexão mais sistemática a questão metodológica, incluindo a revisão de vida, a revisão da prática e o método Ver-Julgar-Agir; a questão da formação integral, destacando-se a consciência crítica e histórica, a educação da fé, a espiritualidade e a formação afetiva; a questão da estrutura organizativa, incluindo um exame dos grupos genéricos, dos grupos específicos e a questão da coordenação e articulação.

7.1 - Por que opção pelo jovem empobrecido?

As razões destes pontos fundamentais, embora óbvias à primeira vista, foram recordadas resumidamente. Elas são de teor sócio-político e de teor teológico-pastoral.

O Brasil é um país cuja população, em sua grande maioria, é constituída de empobrecidos e de jovens. Apesar de ser a grande maioria, a juventude pobre é a que menos tem recebido prioridade na atenção dos recursos humanos materiais da Igreja.

A maioria dos nossos grupos e movimentos tem, ainda, estrutura organizativa, conteúdo e metodologia calcadas na classe média.

A juventude pobre, por não ter acesso aos meios de produção, carrega em si uma força libertadora, tipicamente evangélica, contrastando com a força escravizante que os meios de produção têm. Seu projeto é questionador das estruturas de marginalização e opressão. Na juventude empobrecida está um grande potencial objetivo de transformação da realidade, embora muitas vezes esteja sendo instrumentalizada para a manutenção da estrutura da sociedade.

A opção pelos jovens das classes pobres é fruto da opção de toda Igreja pelos empobrecidos e é, também, prática comum em diversos setores da Pastoral Orgânica e da linha pastoral assumida pela Igreja do Brasil e da América Latina.

A ação da Igreja deve se realizar a partir e a favor da justiça. Sua opção, portanto, é resposta à situação de injustiça e não-fraternidade que grassa na sociedade e da qual o empobrecido é o sinal mais significativo.

A Palavra de Deus se é entendida e vivida a partir da ótica do pobre. Deus é o Deus dos pobres (Tg 2,5). Sendo de condição divina Jesus Cristo aniquilou-se a si mesmo tomando a condição de escravo (Fl. 2,6-8). O serviço dos pobres é medida privilegiada do seguimento de Cristo (P 1145). O "Magnificat" (Lc. 1,46s) é a expressão da tomada de posição da fé, afirmando que os empobrecidos é que detêm a força e o projeto necessários à transformação da realidade, na direção do projeto de Deus.

Jesus Cristo tomou o partido dos pobres (Lc 4,18s; Mt 5s; Lc 6) e propõe uma maneira de agir e de pensar uma sociedade fraterna, igualitária, justa e livre como concretização histórica do Reino de Deus.

Os momentos mais significativos, mais vivos, mais criativos e mais marcantes da Igreja, presença do Espírito, se realizam quando os empobrecidos se encontram enquanto Igreja.

A destinação dos recursos humanos e materiais da Pastoral de Juventude, na sua opção pelos jovens empobrecidos, não exclui outros segmentos da juventude, como a classe média, mas lhe colocam o desafio de se organizar e de mudar de lugar social a partir da ótica do pobre.

A prática de Jesus parte sempre da vida das pessoas. Por isso se lê, nas Conclusões de Puebla: "A juventude não se pode considerar em abstrato, nem é um grupo isolado no corpo social. Ela requer uma pastoral articulada que permita uma comunicação efetiva entre os diversos períodos da juventude e uma continuidade de formação e compromisso depois, na idade adulta" (P 1204). Diz, ainda, o texto da Conferência Episcopal de Puebla: "A integração na Igreja será canalizada através de movimentos juvenis ou comunidades que devem ser integradas na Pastoral de Conjunto diocesana ou nacional, com projeções para uma integração latino-americana. Esta integração far-se-á especialmente por meio (...) do inter-relacionamento dos diversos movimentos de juventude ou comunidades, considerando-lhes a situação concreta: estudantes secundários, universitários, operários, camponeses, que têm condicionamentos próprios e exigências diferentes fazem ao processo evangelizador e que, por isso, pedem uma pastoral específica" (P 1189).

7.2 - Atuação nos meios específicos e nos organismos intermediários

A estrutura de opressão e marginalização da sociedade se manifesta em todos os campos da vida da juventude e é lá que deve ser enfrentada. A atuação no meio específico (bairro, local de trabalho, escola, meio rural) não esgota a luta e o enfrentamento da estrutura da sociedade capitalista, mas tem um caráter pedagógico fundamental na formação da consciência crítica e da consciência de classe, bem como da visão de meios eficazes de transformação dos seus aspectos econômicos, políticos e ideológicos.

A atuação nos meios específicos não substitui a participação e prestação de serviços na comunidade eclesial. Antes, percebe-os como fatores de reflexão e celebração da prática ali levada.

A fé tem que ser eficaz (Tg 2,14s). As práticas alienantes que marcam a Pastoral de Juventude em muitos lugares são questionamentos à própria vivência da fé dos jovens ligados aos grupos e movimentos.

O desafio a ser enfrentado é a dualidade da fé e da vida, que só se supera numa prática transformadora. O meio específico é a maneira mais concreta e viável de uma prática que seja mobilizadora, organizadora, conscientizadora e transformadora.

Supera-se a transitoriedade da prática do jovem (enquanto apenas jovem) oferecendo-lhe propostas e meios de atuação para toda a sua vida (o jovem operário deixa de ser jovem, mas não deixa de ser operário) unindo o reconhecendo a linguagem e aspirações comuns.

A atuação nos meios específicos deve ser efetivada nos organismos intermediários (Sindicatos, Partidos, Associações de Bairro, etc) para ter canais efetivos de transformação. Lá se mostra, também, que não se faz nada sozinho e sim, em grupo. A transformação é um processo coletivo. Pelos organismos intermediários se relacionam diversas lutas no mesmo meio, articulando-as e conferindo-lhes maior potência e eficácia. Não se trata de criar uma nova "cristandade" (criar novos organismos próprios da Igreja) mas de encarnar-se nas organizações próprias da sociedade civil comprometidas com a transformação.

7.3 - Questões centrais

Além da presença destes pontos que parecem indicar os rumos da Pastoral de Juventude no futuro, julgamos importante refletir sobre três problemas que se colocam na raiz deste processo; a questão da metodologia, a questão da formação integral, e a questão da estrutura organizativa.

7.3.1.- O problema metodológico

a) Problemas

Há grupos que já vivem uma pedagogia libertadora e começam a sentir a necessidade de sistematizá-la. Na maioria dos grupos, porém, há ainda um uso estático do método Ver-Julgar-Agir. Suas etapas são estanques, o que estraga o próprio método. Acredita-se, em geral, no seu valor, mas a prática do método não se afirma. A questão básica parece ser a desvinculação do método de uma prática: frequentemente o "ver" e o "julgar" são desenvolvidos sem levar a um "agir" ou são desenvolvidos desconhecendo-se os verdadeiros níveis desta prática.

Algumas críticas à aplicação do método Ver-Julgar-Agir são:

- 1) o "ver" fica prejudicado quando parte de situações exteriores à realidade do grupo, seja de fatos montados artificialmente seja de análises estruturais da realidade pouco afeitas à situação dos jovens. É feito como se estivesse estático diante dos fatos e não como parte integrante e atuante nesta mesma realidade. Isso leva uma visão parcial e distorcida.
- 2) quanto ao "julgar", há dificuldade em entender a Bíblia como uma dinâmica vida, sendo apenas utilizada como fonte de pequenos textos desvinculados da realidade e, muitas vezes, escolhidos aleatoriamente. O uso mecanicista e ideológico da Bíblia torna muitos jovens incapazes de recriarem as situações bíblicas no confronto com um fato e uma experiência novas.
- 3) o "agir" fica, muitas vezes, ao nível das idéias e as idéias não correspondem aos problemas do "ver". O método deve ser encarado como processo continuado. Estes vícios fazem que não ocorra uma revisão da prática feita, nem da vida pessoal, nem da vida grupal. A vivência do método "estrangular" não atinge importantes dimensões da vida do jovem que sai da reunião de grupo como se nada tivesse acontecido.

Alguns grupos, por vezes, absolutizam a dimensão política e social esquecendo a dimensão pessoal e afetiva e, conseqüentemente, a importância da revisão de vida à luz da fé. Por outro lado já grupos que absolutizam a dimensão pessoal e afetiva, esquecendo-se da dimensão política e social.

Muitos grupos são formados artificialmente, sem critérios de prática comum ou, mesmo, territoriais. Não sendo descobertos os pontos comuns entre os membros do grupo, o fato leva a um relacionamento superficial.

Quando não há planejamento das práticas individuais e grupais, o que é frequente em muitos grupos, dificilmente o grupo todo se envolve em sua execução e avaliação.

b) Pistas de superação

O primeiro passo é levar à ação. Só se apreende o método de formação na ação quando se parte para a prática o mais relacionada possível com as necessidades mais sentidas pelos jovens e pela comunidade em que participam.

É importante, nos meios específicos, o papel das pequenas práticas no sentido de se ir crescendo, aos poucos, no processo de transformação. É fundamental partir das práticas, sistematizando-as e analisando-as a partir de uma mediação sócio-analítica e de uma dedicação bíblico-teológica.

O que se quer, na verdade, é o uso do tipo dialético do método Ver-Julgar-Agir: sua base é o agir (não estamos estáticos, mas agimos sobre a realidade). O "ver" e o "julgar" são questionamentos para o nosso "agir" e não pura consequência destes. A matéria-prima para "ver" e o "julgar" deve ser a prática dos jovens, dentro do assunto que se quer discutir. Por isso a visão global do método Ver-Julgar-Agir deve desembocar em dois momentos fortes: a revisão de vida, que é a conversão pessoal, e a revisão da prática, como conversão das estruturas.

A pedagogia de subsídios para uso nos grupos deve ter em conta a flexibilidade necessária para não matar a fluência da prática dos membros do grupo. Isto coloca a necessidade de rever os esquemas e a linguagem normalmente utilizada nos subsídios existentes.

O uso de diferentes dinâmicas de grupo pode provocar a criatividade do grupo para contar, aprofundar e rever suas experiências. Deve haver o treinamento de assessores, coordenadores e representantes dos grupos, para a socialização destas dinâmicas e do uso do método. É necessária uma pedagogia para movimentos de massa como encontros, assembleias, caminhadas, festivais etc, para que haja maior participação, consciência crítica e formação.

7.3.2 - A formação Integral

a) Problemas

Não há integração entre as diversas facetas da formação. Duas questões, entre outras, têm sido motivo de preocupação: a formação afetiva e a espiritualidade, como rejeição à antiga insistência nestes aspectos, uma vez que foram quase sempre tratados dentro de uma visão moralista, intimista, dogmática e distante da realidade.

Muitos jovens se distanciam da vida da comunidade e, sem outro tipo de acompanhamento por parte de assessores e de seu grupo, perdem a capacidade de refletir e celebrar sua fé, em Jesus Cristo. A Igreja, muitas vezes, reflete uma imagem de Cristo descomprometida com os problemas da realidade e padrões de fé prontos e acabados, ao que a PJ não tem conseguido apresentar alternativas.

A revisão de vida não tem conseguido levar a uma conversão pessoal que acompanha o nível da militância, provocando uma mudança de estruturas pessoais que acompanhe a prática de transformação social.

A questão da afetividade e da sexualidade, raramente são levadas em conta, principalmente nas classes populares. Há o desafio de se pensar esta questão na busca de orientações sólidas que superem os padrões burgueses vigentes, aproveitados pelo sistema como forma de manipulação ideológica.

A falta de espaço para a reflexão da prática e a formação teórica dos militantes leva, muitas vezes, a um não-crescimento na consciência crítica e de classe, e há um avanço apenas, no nível do discurso e não no nível da educação permanente.

Muitas coordenações avançam e perdem o contato com as bases, não retornando a elas com suas descobertas e caminhadas. Muitas encontros, assembleia etc. são feitos de cima para baixo, sem referência à prática.

Há jovens que rompem o seu engajamento, ou quando se casam ou quando entram no trabalho ou no momento do ingresso na Universidade.

O jovem, em geral, não tem consciência histórica do passado de seu povo, de sua classe, de sua raça. Isto causa diversas questões relativas principalmente à identidade pessoal e de classe.

b) Pistas de superação

A espiritualidade do militante só se desenvolve plenamente na relação que houver entre o militante e uma comunidade eclesial concreta, na qual se encontra com a fé de toda uma Igreja com toda a sua carga histórica. Esta espiritualidade deve ser Cristocêntrica, eucarística e bíblica, celebrada comunitariamente. A participação nas comunidades paroquiais, comunidades eclesiais de base e nas manifestações populares, faz aparecer, no jovem, a consciência de sua identidade como parte na caminhada histórica do povo de Deus e assumir as formas tradicionais de expressão da fé como meio de comunhão com a tradição popular. Sem desconhecer a ambigüidade presente em várias dessas práticas religiosas, somente na sua compreensão e assimilação se realiza a plena comunhão com a vida e as expressões de fé do povo crente e oprimido.

Aproveitar a cultura, a arte, as festas e outras expressões de valores religiosos do povo, bem como momentos importantes da vida ordinária da Igreja (Campanha da Fraternidade, Mês da Bíblia, Novena de Natal e outras manifestações religiosas da região) para a maior ligação da vida dos jovens com uma dimensão de espiritualidade popular.

Conhecer mais sistematicamente os dados bíblicos e teológicos para fundamentar a fé, de acordo com uma prática que avança.

Facilitar celebrações, cursos, retiros e subsídios teológicos em linguagem popular, que venham ao encontro das necessidades dos jovens e de suas práticas nos meios específicos.

Além da consciência de opressão é preciso, fundamentalmente, desenvolver uma consciência de classe e um espírito de solidariedade de classe. A transformação de práticas assistencialistas em práticas de solidariedade como o mutirão, o fundo de desemprego, a partilha de bens são elementos de crescimento de consciência comunitária muito presentes nas comunidades populares e que devem ser apropriadas com os jovens que tendem ao assistencialismo.

Há necessidade de se recuperar a memória histórica. No que se refere à caminhada da PJ, desde o nível da base (grupo de jovens) até as articulações existentes, PJ do Meio Popular, Pastoral Universitária etc). em todos os níveis. A consciência histórica se concebe a partir da reflexão da prática e da teoria que leva à prática. A memória histórica da caminhada da PJ se garantiria com a preocupação de documentar a vida ordinária dos grupos, quanto à metodologia utilizada, os textos bíblicos, os cantos etc., como maneira de reelaborar a vivência da história em todos os seus aspectos (da Igreja, do Brasil, do Movimento Operário, dos movimentos populares, da Pastoral de Juventude) a partir da ótica do oprimido, situando as lutas dos meios específicos dentro deste contexto histórico.

Aprofundar as questões do sexo, do namoro, da discriminação de raça, do relacionamento familiar etc. valorizando tais realidades como pontos importantes para a formação integral dos jovens. Abrir espaços para o questionamento da vida dos jovens em processo de opção vocacional e profissional. Valorizar o lazer, a convivência e a partilha das situações fortes de vida dos jovens (celebração de matrimônio, momentos que envolvem difícil decisão pessoal e as dificuldades sócio-econômicas) enquanto fatores de afirmação e realização da dimensão humana do jovem.

7.3.3 - A estrutura organizativa

a) Problemas

A mistura, no mesmo grupo de jovens, com interesses diferentes e antagonísticos dificulta a definição de objetivos e práticas comuns transformadoras, motivando desinteresse e rotatividade. As poucas práticas são, geralmente, assistencialistas e sem planejamento. Verifica-se a implantação de modelos de PJ nascidos de uma proposta organizativa e com um conteúdo de classe média como herança de uma realidade social e eclesial.

Falta uma metodologia para a transição de um grupo genérico para um grupo específico. Pergunta-se: como enuclear os jovens provindos da PJ genérica? Como garantir uma caminhada e um avanço de todas as experiências, em seus vários níveis, de modo a garantir a proposta de uma Pastoral de Juventude consequente e militante? Como atingir setores da juventude como acruzal, secundarista e de classe média em geral? Que quadros organizativos propomos?

b) Pistas de superação

Os grupos genéricos precisam:

- a) de um planejamento e de uma metodologia que os desafie;
- b) introduzir a revisão de vida e a revisão da prática;
- c) capacitar coordenadores através de cursos, subsídios, acompanhamentos por níveis de consciência e contato com o movimento popular;
- d) procurar aprofundar o papel do jovem da classe média na transformação social;
- e) valorizar as pequenas experiências transformadoras que os grupos genéricos vivem, de modo a fazê-las avançar e questionar o próprio grupo na direção de uma prática consequente no meio específico.

Para os grupos dos meios específicos sugere-se:

- a) enuclear os jovens vindos da Pastoral de Juventude genérica;
- b) estabelecer coordenações próprias dos próprios jovens;
- c) não perder contato com a Pastoral de Juventude genérica;
- d) capacitar os militantes no método Ver-Julgar-Agir (ação-reflexão-ação);

- e) criar meios de articulação entre as experiências significativas de organização da Pastoral de Juventude dos meios específicos, em todos os níveis. As formas de articulação e coordenação que emergem das bases devem ser respeitadas e fortalecidas como a Pastoral de Juventude do Meio Popular, a Pastoral Universitária e a Pastoral Secundarista;
- f) incentivar a prática do planejamento com momentos fortes de reflexão teórica, em nível da fé e da análise social ligada à prática;
- g) dentre os grupos específicos, priorizar a articulação e coordenação dos jovens do meio popular.
- h) respaldar os grupos e as lideranças mais avançadas.

Brasília-DF., 18 de novembro de 1982